

ENTRE VERBETES E CANÇÕES: GÊNERO E RAÇA NA DEFINIÇÃO DE MOROCHA

BETWEEN ENTRIES AND SONGS: GENDER AND RACE IN THE DEFINITION OF MOROCHA

Dossiê:

Tramas dialógicas do
cancioneiro brasileiro



ORGANIZADORES:

María del Pilar Tobar Acosta



João Vianney Cavalcanti Nuto



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

v. 34, n. 67, abr. 2025
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 21/01/2025

Aceito em: 15/04/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Felipe Rodrigues Echevarria  

UNICRUZ | felipe230285@hotmail.com

Resumo/Abstract

No presente artigo, proponho uma análise histórico-lingüística do verbete *morocha*, recortado do *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* (1996). Fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da História das Ideias Linguísticas (HIL), considero que os dicionários, por meio de verbetes e suas definições, apresentam concepções acerca de certos sujeitos e dos lugares que a sociedade lhes reserva. Para realizar o gesto analítico, recorro ao conceito de *reescrituração* proposto por Guimarães (2005). Desse modo, é possível observar as relações semânticas que as palavras formam entre si, muitas vezes, engendrando um léxico depreciativo em relação a sujeitos socialmente marginalizados. O verbete *morocha* é definido no dicionário como: "Moça morena, mestiça, mulata, rapariga da campanha". Entre essas definições, destaco a palavra *mulata*, que carrega questões raciais relacionadas à escravidão e à estigmatização das mulheres negras no Brasil. Analiso, também, o funcionamento da palavra *morocha* na letra da canção homônima interpretada por Davi Menezes Junior e os Incompreendidos, no ano de 1984, durante o festival Coxilha Nativista, na cidade de Cruz Alta. Nessa análise, discuto a maneira como a linguagem pode atuar como uma ferramenta capaz de estigmatizar sujeitos, bem como trazer à baila questões de gênero e de raça nos dicionários e na Música.

Palavras-chave: Coxilha Nativista; dicionários; História das Ideias Linguísticas; estudos de gênero; estudos de raça.

In this article, I propose a historical-linguistic analysis of the entry *morocha*, extracted from the *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* (1996). Based on the theoretical and methodological framework of the History of Linguistic Ideas (HLI), I consider that dictionaries, through entries and their definitions, present conceptions about certain subjects and the places that society assigns to them. To carry out this analytical approach, I draw on the concept of *rewriting* (Guimarães, 2005). This allows me to observe the semantic relationships that words form among themselves, often generating a depreciative lexicon regarding socially marginalized individuals. The entry *morocha* is defined in the dictionary as: "Dark-haired woman, mixed-race woman, mulatta, countryside girl." Among these definitions, I highlight the word *mulatta*, which carries racial issues related to slavery and the stigmatization of Black women in Brazil. I also analyze the functioning of the word *morocha* in the lyrics of the homonymous song performed by Davi Menezes Junior e os Incompreendidos in 1984 during the Coxilha Nativista festival in the city of Cruz Alta. In this analysis, I discuss how language can act as a tool capable of stigmatizing individuals, as well as addressing issues of gender and race in dictionaries and music.

Keywords: Coxilha Nativista; dictionaries; History of Linguistic Ideas; gender studies; race studies.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como gesto inicial de contextualização do presente trabalho, acredito¹ ser importante aclarar minha posição enquanto pesquisador. Considero-me pesquisador e analista de dicionários (Nunes, 2010), pois, amparado teoricamente pelos estudos produzidos pela História das Ideias Linguísticas (doravante HIL), minha perspectiva sobre os dicionários é distinta daquela que se observa em muitos usuários de dicionários que, comumente, consultam-nos apenas para sanar dúvidas acerca das significações de uma determinada palavra, considerando somente as funções normatizadoras dos dicionários. Já os estudiosos/analistas de dicionários compreendem esses instrumentos linguísticos como materialidades linguísticas nas quais é possível observar questões sócio-históricas. Ao analisar, por exemplo, as definições de certos verbetes que definem sujeitos, pode-se constatar de que forma a sociedade os estigmatiza.

Em minhas pesquisas, tenho refletido sobre como as palavras e seus significados são atravessados por questões de gênero e raça, especialmente nos dicionários regionalistas como é o caso do *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* (1996). Meu interesse em investigar como a linguagem pode agir como ferramenta capaz de estigmatizar certos sujeitos e grupos sociais me estimula a produzir estudos que buscam uma melhor compreensão sobre a relação entre dicionários, a História e os estudos de gênero e de raça. Nesse sentido, o presente artigo apresenta uma análise histórico-enunciativa da palavra *morocha*, recortada do dicionário mencionado. O objetivo é analisar as definições de *morocha* e refletir sobre o modo como essa palavra funciona na canção homônima interpretada por Davi Menezes Junior e Os Incompreendidos, apresentada em 1984 na 4ª edição do festival Coxilha Nativista, na cidade de Cruz Alta, Rio Grande do Sul.

Sendo assim, antes de chegar ao gesto de análise, na primeira seção do artigo, apresento as especificidades do *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*, para, em seguida, apresentar os pressupostos teóricos da HIL, campo de estudos que analisa a relação de instrumentos linguísticos, tais como gramáticas e dicionários, com a História. Posteriormente, discuto questões de gênero e de raça a fim de entender como elas funcionam em uma materialidade linguística – o *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* – e em uma produção artística, musical e cultural – a canção *Morocha*.

Proponho, então, por meio deste artigo, uma reflexão sobre questões de língua, sujeito e História, articuladas aos estudos de gênero e de raça. Com o conceito de *reescrituração*, elaborado pelo linguista Eduardo Guimarães (2005), examino o modo como as palavras se relacionam entre si, formando, muitas vezes, um léxico depreciativo sobre certos sujeitos – como é o caso das mulheres negras – e grupos socialmente marginalizados.

O DICIONÁRIO DE REGIONALISMOS DO RIO GRANDE DO SUL E A COXILHA NATIVISTA: ALGUNS APONTAMENTOS

O *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* foi publicado em 1984, produzido pelos irmãos Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes. Destaca-se a importância da obra para o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), bem como o pertencimento de Zeno e Rui à Academia Rio-Grandense de Letras. Os próprios autores apresentam uma breve nota na qual relatam que o período de produção do *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* iniciou meio século antes do lançamento da primeira edição, admitindo a relevância de outros dicionários regionalistas, os quais serviram de fonte para a construção do dicionário:

Aos poucos, porém, se foi enriquecendo com palavras e expressões colhidas não só na linguagem falada no território rio-grandense, que tivemos a oportunidade de percorrer e auscultar de ponta a ponta, mas, também, em centenas de obras, em prosa e verso, por nós compulsadas, entre as quais os dicionários,

¹ Utilizo a primeira pessoa do singular ao escrever este trabalho por entender que essa escolha marca uma posição teórica e enunciativa: a de um pesquisador que estuda as palavras e seus significados a partir de uma perspectiva interdisciplinar, na qual a Linguística dialoga com a História e com as Ciências Sociais. Assim, evita-se reforçar uma suposta neutralidade e impessoalidade na escrita científica. Reconheço, contudo, que minha posição de enunciação é outra, distinta da de uma mulher negra – uma das figuras centrais deste artigo. Nesse sentido, concordo com as reflexões da filósofa Djamilia Ribeiro (2017), que afirma ser possível produzir conhecimento sobre outros grupos dos quais não fazemos parte desde que tenhamos consciência crítica do nosso lugar de fala. Em meu caso, retomo a posição de investigador que, ao teorizar sobre as mulheres negras e o racismo que as assola, não pretende, de modo algum, representá-las ou desconsiderar seu lugar de fala, mas sim promover discussões que contribuam para a problematização acerca dos discursos que historicamente as oprimem.

vocabulários e glossários já vindos à luz, principalmente os de Antônio Álvares Pereira Coruja, José Romaguera Corrêa, Roque Callage e Luiz Carlos de Moraes (Nunes; Nunes, 1984 [1996], p. 9).

Embora os autores exerçam a posição de dicionaristas, não são, necessariamente, lexicógrafos. São estudiosos que, por anos, colheram palavras e expressões características do extremo sul do Brasil, movidos pelo apego às tradições do Estado. Conforme a pesquisadora Verli Petri (2008, p. 234-235), a posição-sujeito dos irmãos Nunes enquanto produtores do dicionário é uma condição distinta da posição de um sujeito lexicógrafo: “temos aí uma outra posição-sujeito que nos remete aos autores do dicionário como herdeiros de uma língua-cultura a ser preservada”. Assim, ainda que tenham produzido o *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*, Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes não pertencem ao campo técnico da Lexicografia, tendo formações em outras áreas de atuação, como a jornalística e a jurídica.

Outro ponto importante referente à obra produzida pelos autores é o contexto sócio-histórico em que está inserida. Segundo o historiador Ruben Oliven (2006), o estado do Rio Grande do Sul está localizado no extremo sul do Brasil e, em alguns aspectos culturais, assemelha-se mais aos países platinos com os quais faz fronteira – Argentina e Uruguai – do que com o restante do país. Território de guerras entre Espanha e Portugal, foi no Rio Grande do Sul que ocorreu a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835, revolução decisiva para a construção social do gaúcho.

Para o historiador Moacyr Flores (2019, p. 68), o gaúcho se originou, enquanto tipo social, a partir da seguinte formação: “desertores, fugitivos, vagabundos, criminosos, [...] todos marginalizados pela sociedade latifundiária”. A palavra *gaúcho* tornou-se popular em 1800 e, ao longo dos séculos, passou a ser associada a novos valores já não mais depreciativos como ocorreu no passado, remetendo “às relações entre o homem e às coisas da terra, caracterizando, de forma mais genérica, o gaúcho como um ser essencialmente telúrico” (Petri, 2008, p. 230).

O *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* foi lançado na década de 1980, década em que festivais de música gauchesca ganhavam destaque. A Coxilha Nativista é um festival surgido no ano de 1981, na cidade de Cruz Alta, Rio Grande do Sul. O evento objetiva preservar os costumes da cultura gaúcha, sendo “considerado o maior festival nativista do país, o evento eterniza as coisas do pago através das canções selecionadas que são gravadas desde o vinil, em suas primeiras edições, até o CD” (Silva, 2017, p. 37).

Foi na quarta edição do festival, em 1984, que a controversa canção *Morocha* foi lançada. Tão logo foi a polêmica da canção que a repercussão se deu a nível nacional, garantindo-lhe o segundo lugar na Coxilha Nativista e recebendo o troféu Erico Verissimo. Davi Menezes Junior ainda ganhou o prêmio de melhor intérprete. “‘Morocha’ se tornou a Música Mais Popular do festival e contribuiu para a maior venda de discos da história das Coxilhas”.²

A canção evidencia como determinadas posições sociais – como a do homem que enuncia sobre as mulheres em um contexto tradicionalista e patriarcal – atravessam o discurso, influenciando escolhas lexicais e modos de significar. As relações assimétricas de gênero circulam não apenas em instituições como a família, a Igreja e a Escola, mas também na mídia (Funck, 2011). Essas questões, conseqüentemente, refletem-se na Música, como é o caso da canção *Morocha*.

Dessa maneira, as questões sócio-históricas mencionadas referentes ao Rio Grande do Sul, bem como questões de gênero e de raça que serão discutidas posteriormente, constituem condições de possibilidade para a enunciação de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes enquanto autores do *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Tais questões materializaram-se também nas definições de sujeitos, como a *morocha*, conforme será verificado no gesto de análise.

DICIONÁRIOS: INSTRUMENTOS LINGÜÍSTICOS QUE POSSUEM RELAÇÃO COM A HISTÓRIA

Por meio de uma colaboração entre pesquisadores brasileiros e franceses, a HIL consolidou-se, na década de 1980, como um campo de estudos que analisa a produção de instrumentos linguísticos a qual se faz no Brasil desde o seu descobrimento. Para José Horta Nunes (2008, p. 110), “da perspectiva da HIL, gramáticas e dicionários são vistos como instrumentos linguísticos e têm sido estudados também como objetos discursivos”. A HIL interessa-se pelos

² Disponível em: <https://www.coxilhanativista.com/historico>. Acesso em: 18 jan. 2025.

saberes que constam em instrumentos linguísticos, bem como pelo modo que eles se relacionam com a História.

Sylvain Auroux (2014), um dos pesquisadores filiados à HIL, explica que as gramáticas e os dicionários são os principais pilares do saber metalinguístico e são resultantes do processo de *gramatização*. Esse processo consiste em fazer com que uma determinada língua disponha desses instrumentos linguísticos, considerados, também, tecnologias da língua.

Já para Nunes (2006, p. 18), os dicionários são instrumentos linguísticos que possuem uma relação direta com a História, “como todo discurso, o dicionário tem uma história, ele constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos, inscrevendo-se no horizonte dos dizeres historicamente constituídos”. Configuram uma materialidade linguística na qual é possível analisar os modos de dizer de uma sociedade e a maneira como aspectos socioculturais se materializam nas palavras e nas definições destas.

No caso dos dicionários regionalistas, constituem instrumentos linguísticos nos quais sujeitos pertencentes a uma determinada região podem encontrar um registro das palavras que mobilizam os seus falares coloquiais. Diferente dos dicionários nacionais, cujo contexto é mais amplo e abarca palavras que circulam em âmbito nacional, os dicionários regionalistas priorizam um contexto regional. Por exemplo, o *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*, como o próprio nome indica, registra verbetes característicos da linguagem gaúcha, a variedade linguística falada no Rio Grande do Sul. Por meio desse instrumento linguístico, pode-se saber mais sobre a sociedade gaúcha e as palavras e as expressões que fazem parte dessa sociedade.

Portanto, os dicionários fornecem aos estudiosos/analistas de dicionários um amplo material de análise, pois permitem que possamos verificar o que as definições sobre certos sujeitos nos revelam sobre o modo como a sociedade os hierarquiza e rotula em determinados contextos. Os dicionários, por meio de verbetes e suas definições, dão indícios das noções de gênero e de raça que constituem as significações das palavras. Nessa ótica, os instrumentos linguísticos fornecem condições de interpretação para analisar essas noções.

GÊNERO E RAÇA: CONSTRUÇÕES SOCIAIS EM CONSTANTE MOVIMENTO

Gênero e raça são dois conceitos socialmente construídos, podendo apresentar particularidades de acordo com o contexto social em que estão inseridos. Esses dois conceitos auxiliam-me a pensar sobre o modo como as distinções entre homens e mulheres se materializam nas definições de verbetes, bem como observar a maneira como sujeitos negros podem ser estigmatizados por meio da linguagem.

Início essa discussão pelos conceitos de gênero. Pesquisadores desse campo de estudos frequentemente concordam no seguinte ponto: a condição de ser mulher não é algo natural ou simplesmente dado pela Biologia como se fosse imutável. Trata-se de uma construção social que depende de outros fatores além dos biológicos; nessa construção, aspectos sociais e culturais estão presentes ao engendrar as noções que cada sociedade possui acerca do que é ser homem e do que é ser mulher. De acordo com a filósofa Judith Butler (2020, p. 25-26), “o gênero é culturalmente construído”, ou seja, é uma construção cultural não determinada biologicamente.

Nesse viés, o uso de critérios biológicos, tais como o sexo biológico e a cor da pele, sempre foi acionado para garantir opressões, como se tais critérios justificassem posições inferiores impostas a determinados sujeitos. As relações humanas, portanto, são bastante complexas, de modo que nem sempre o biológico dá conta de explicar tal complexidade (Castañeda, 2019).

No que tange à raça, assim como a questão de gênero, trata-se também de uma construção social passível de mudanças de acordo com fatores sócio-históricos. Segundo o filósofo Silvio Almeida (2020, p. 24), raça não é um termo imutável e está diretamente ligado “às circunstâncias históricas em que é utilizado”. A construção social de raça ganhou força no século XVI. Nesse contexto, a classificação de seres humanos conforme a raça favoreceu práticas opressoras como a escravidão, implicando na perda do direito sobre o próprio corpo e a perda do estatuto político. Para a pesquisadora Sueli Carneiro (2011), a escravidão originou o *racismo científico*, que se intensificou no século XIX, o qual pregava a superioridade dos brancos em relação aos negros. Tal fato reforçou as desigualdades sociais que perduram até hoje no Brasil.

Gênero e raça constituem duas categorias significativas para que historiadores possam compreender o lugar social que certas sociedades impuseram às mulheres e às pessoas negras em deter-

minados períodos históricos. Referente às mulheres, mais especificamente no Rio Grande do Sul, percebe-se que, em sua formação histórica, o estado possuía uma forte constituição patriarcal. Em sua passagem pelo Rio Grande do Sul em meados do século XIX, o botânico Auguste de Saint-Hilaire (2020, p. 42) descreveu certos costumes gaúchos, constatando que as mulheres gaúchas, sobretudo as de cidades do interior, eram restritas ao âmbito doméstico: “no interior, (...) as mulheres se escondem e não passam de primeiras escravas da casa”.

Entretanto, relatos produzidos por viajantes em passagem pelo Brasil, ainda que importantes para sabermos mais sobre o passado do país, são passíveis de questionamentos, pois podem estar repletos de preconceitos, inclusive raciais, por parte do sujeito produtor dessas narrativas, geralmente, sujeitos *homens, brancos e europeus*. Conforme a historiadora Joana Maria Pedro (2020, p. 279), tais relatos tendiam a priorizar as mulheres brancas da elite, desconsiderando “a existência de filhas de imigrantes pobres, de mulatas e negras livres, enquanto outros sequer as classificavam como mulheres”. Esses relatos constituem registros significativos sobre o Brasil colonial, porém devem ser lidos como enunciados atravessados por condições sócio-históricas e ideológicas específicas da época, os quais reproduziam mentalidades eurocentristas e racistas, que segregavam e “animalizavam” as mulheres negras.

Gênero e raça, portanto, constituem categorias teóricas e metodológicas que auxiliam na análise de palavras norteada pela Linguística em diálogo com a História e com as Ciências Sociais.

MOROCHA: QUESTÕES DE GÊNERO E DE RAÇA SIGNIFICADAS EM UM DICIONÁRIO E EM UMA CANÇÃO

Neste gesto analítico, observo o modo como definições de palavras trazem as construções sociais de gênero e de raça, como é o caso da palavra/verbe *morocha* e o modo como ela funciona na canção homônima. Reflito, então, sobre quem é esse sujeito nomeado *morocha*, que dá título à canção interpretada por Davi Menezes Junior. Nesse sentido, recorto as definições apresentadas pelo verbe *morocha* no *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*:

MOROCHA, s. Moça morena, mestiça, mulata, rapariga da campanha (Nunes; Nunes, 1996, p. 316).

Moça, mestiça, mulata e rapariga são verbetes que não constam no *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Busco, então, os sentidos desses verbetes em *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, produzido também na década de 1980. Apresento um quadro comparativo entre os sentidos de *morocha, moça, mestiça, mulata e rapariga*:

Quadro 1

Morocha	s. Moça morena, mestiça, mulata, rapariga da campanha. Recortado do <i>Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul</i> (1996, p. 316).
Moça	(ô). [Fem. De moço] s. f. 1. Mulher jovem; rapariga. [Sin. (Bras., RS): muchacha. Dim. Irreg.: moçoila; aum.: mocetona.] 2. Mulher púbere. 3. Mulher madura, mas não velha: A secretária é uma moça bem-posta, de uns quarenta anos. 4. Bras. V. Meretriz. 5. S. Bras. Mulher que perdeu a virgindade. 6. Bras., Amaz. V. concubina (1). 7. Lus. Criada, ama. [Pl: moças (ô). Cf. moça e moças, do v. moçar, e mossa, s.f., pl, mossas.] Moça do açafate. Açafata. Ser uma moça. Bras. Fam. Ser muito delicado, muito educado, ser uma dama [...] Recortado do <i>Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa</i> (1986, p. 1145).
Mestiça	[Do latim tardio <i>mixticiu</i> , de <i>mixtu</i> , ‘misto’.] Adj. 1. Nascido de pais de raças diferentes: <i>filho mestiço de branco e negro</i> . [Sin., bras.: <i>nhapango</i> .] 2. Proveniente do cruzamento de espécies diferentes: <i>cavalo mestiço</i> . S.m. 3. Indivíduo cujos pais são de raças diferentes. [Sin., bras., nessa acepç.: <i>bode, chibarro e nhapango</i> .] 4. Bras. Carataí (3). Recortado do <i>Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa</i> (1986, p. 1125).
Mulata	[Fem. de <i>mulato</i> .] Adj. (f.). 1. Diz-se duma variedade de batata própria pra assar. S. F. 2. Fem. de <i>mulato</i> . 3. Bras. Peixe teleósteo, percomorfo, da família dos <i>lujtanídeos</i> (<i>Rhomboplistes aurorubens</i> (Cuv.)), do Atlântico, de coloração geral vermelha viva, mais clara na parte inferior, estrias irregulares, escuras e douradas nos flancos e no dorso. [Sin., nesta acepç.: <i>carapitanga, cioba, realito, vermelho-paramirim</i> .] Espécie de abelha meliponídea. Recortado do <i>Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa</i> (1986, p. 1168).

Rapariga	<p>S. f. 1. <i>P. us. No Brasil.</i> Mulher nova; moça: “E tinha uma filha, rapariga morena, de olhos negros e dissimulados” (Enéias Ferraz, <i>Adolescência Tropical</i>, p. 15). 2. <i>P. us. no Brasil.</i> Adolescente do sexo feminino. 3. <i>Lus.</i> Moça do campo. 4. <i>Bras., N., N.E., MG e GO. V. concubina</i> (1). 5. <i>Bras., N., N.E., MG e GO. V. meretriz.</i> [Masc., (nas acepç.: 1 a 3): <i>rapaz.</i> A rigor (como observa Antenor Nascentes), o masc. de <i>rapariga</i> é <i>raparigo</i>, prov. Lus., e o fem. de <i>rapaz</i> é <i>rapaza</i>, desconhecido (ao que parece) no Brasil.]</p> <p>Recortado do <i>Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa</i> (1986, p. 1450).</p>
-----------------	--

Fonte: Elaboração própria.

Cabe aqui uma reflexão sobre o que é *definição* e o que as definições apontam em relação ao que nomeiam. *Definição*, de acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986, p. 528), consiste em “1. Ato ou efeito de definir(-se). 2. Expressão com que se define. 3. Explicação precisa; significação: definição de uma palavra. 4. Exposição, descrição, enunciação”. Já *definir* consiste em “2. Enunciar os atributos essenciais e específicos (de uma coisa) de modo que a torne inconfundível com outra [...] 3. Explicar o significado de; indicar o verdadeiro sentido de: definir um termo, uma expressão”. Com base nisso, compreendo que *definir* é também *descrever*; quando observo as definições de *morocha*, noto as características, atributos e predicativos que lhe são atribuídos.

Assim, *morocha* é definida como *moça*, *mestiça*, *mulata* e *rapariga*. Ou seja, estabelece relações com essas outras quatro palavras, de forma que as definições de *morocha* são reescrituradas por meio destas. Guimarães (2005, p. 28) conceitua o procedimento de *reescrituração* da seguinte forma:

São procedimentos pelos quais a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito. Assim, a textualidade e o sentido das expressões se constituem pelo texto por esta reescrituração infinita da linguagem (...) E ao reescrever, ao fazer interpretar como algo diferente de si, este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado.

A *reescrituração* consiste em retomar o que já foi dito, e as definições de verbetes configuram uma forma de reescrever uma palavra, como é o caso de *morocha*, é reescriturada por meio de *moça*, *mestiça*, *mulata* e *rapariga*. Uma palavra pode ser reescriturada por meio de predicções, adjetivos e expressões. Das palavras que reescrevem *morocha*, destaco a palavra *mulata*, pois é ela que aponta a raça do sujeito nomeado *morocha*. Nas definições do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, a questão racial não está tão explícita no verbete *mulata*, exceto no momento em que aparece a definição “Fem. de mulato”. Seguem as definições do verbete *mulato* (Ferreira, 1986, p. 1168):

[Do esp. *mulato*] < *mulo*, por ser mestiço o mulato.] S. m. 1. Filho de pai branco e mãe preta, ou vice-versa; cabrocha, pardo. 2. Homem escuro, trigueiro. [Aum. irreg., nessas acepç.: *mulataço*; dim. irreg.: *mulatete*.] 3. Ant. V. mulo. (...) Adj. 5. Diz-se de indivíduo mulato (1 e 2); pardo.

Mulata é derivada de *mulato*, verbete no qual a questão da mestiçagem está presente. A mestiçagem, de acordo com o historiador Eduardo França Paiva (2015), influenciou diretamente na nomeação de sujeitos. A colonização ibérica da América Latina ocasionou alguns tipos de miscigenação. Eram comuns os envolvimento das mulheres indígenas com homens europeus e, a partir dessas relações, nasciam sujeitos mestiços, conhecidos também como os “primeiros ‘filhos’ da América”, “mamelucos” e “bastardos” (Paiva, 2015, p. 179).

Assim, *mulata* faz parte do conjunto de léxico que se formou durante o período de mestiçagem na Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII. Sujeitos eram diferenciados entre si pelo quesito *cor*, de modo que colonizadores e viajantes estrangeiros davam nomes aos outros norteados pela cor. A palavra *mulato* passou a ser intensamente usada em terras americanas que foram colonizadas pela Península Ibérica. *Mulato* provavelmente derivou-se de *mulo* ou *mula*, visto que “em Valencia, em 1498, se aplicou ‘mulata’ a fêmeas de mulas e em 1506, a mulas jovens” (Paiva, 2015, p. 215).

Falar em *mulata* e *mestiçagem* remete à questão das mulheres negras e mulatas, assim faz-se necessário um breve histórico da condição dessas mulheres desde a sua chegada no Brasil. Da África,

elas eram trazidas forçadamente para o país, onde eram escravizadas. Os corpos dessas mulheres eram sexualizados, submetidos aos desejos dos patrões e não eram raros os casos de estupro. Conforme o ativista antirracista Abdias Nascimento (2016), o advento da escravidão reduziu a os sujeitos negros à categoria de sujeitos não humanos. Como efeito, isso atingiu os corpos das mulheres negras:

O Brasil herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão. Ainda nos dias de hoje, a mulher negra, por causa da sua condição de pobreza, ausência de *status* social, e total desamparo, continua a vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão do branco (Nascimento, 2016, p. 73-74, grifos do autor).

Nessa mesma direção, Grada Kilomba (2019) aponta que as mulheres negras sofriam (e ainda sofrem) com a intersecção entre racismo e sexismo oriunda do imaginário colonial em relação a elas. Conseqüentemente, a escravidão e a violência a que eram expostas deixaram marcas na linguagem e em produções artístico-culturais. Desse modo, originaram-se dizeres, canções e um léxico negativo referente a essas mulheres. No século XIX, a volúpia relacionada às mulatas ganhou força (Del Priore, 2014) e teve continuidade no século XX, em âmbitos como a Literatura, a Publicidade e também a Música.

Nesse panorama, entendo que a canção *Morocha* faz parte desse grupo de canções que ajudam a reforçar estereótipos quanto às mulheres, de forma geral, e especificamente às mulatas. Apresento, então, a letra de *Morocha*:

Não vem morocha, te floreando toda / Que eu não sou manso e esparramo as garra / Nasci no inferno, me criei no mato / E só carrapato é que em mim se agarra / Tu te aprocheja, reboleando os quarto / Trocando orelha, meu instinto rincha / E eu já me paro, todo embodocado / Que nem matungo, quando aperta a cincha / Aprendi a domar amanunciando égua / E para as mulher vale as mesmas regra /
Animal te para, sou lá do rincão / Mulher pra mim é como redomão / Maneador nas pata, pelego na cara / Crinuda véia, não escolho o lado / Nos meus arreios não há quem peliche / Tu incha o lombo, te encaroço a laço / Boto os cachorro e por mim que abiche / Não te boleia que o cabresto é forte / O palanque é grosso, senta e te arrepende / Sou carinhoso, mas incompreendido / É pra o teu bem, vê se tu me entende (Menezes Junior, 2020, s/p).

Na composição de Mauro Ferreira e Roberto Ferreira, interpretada por Davi Menezes Junior, é perceptível a forma depreciativa como o sujeito nomeado *morocha* é retratado. Recorto dois trechos da letra nos quais o preconceito de gênero e de raça estão presentes:

R1: Aprendi a domar amanunciando égua / E para as mulher vale as mesmas regra (Menezes Junior, 2020).

Temos, nesse recorte, um sujeito homem que enuncia sobre a mulher, comparando-a a uma égua e afirmando que as mulheres devem receber o mesmo tratamento. Trata-se de um sujeito afetado por ideologias machistas características de seu lugar de pertencimento, o Rio Grande do Sul, lugar cuja formação deu-se de forma essencialmente patriarcal. E nesse contexto, deu-se também a formação do gaúcho enquanto tipo social, caracterizando-se como um sujeito rude e pouco adepto à afetividade.

Já a temporalidade da canção coincide com a década na qual o *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* foi produzido, a década de 1980. A nível nacional, essa década foi marcada por ambivalências. Apesar de certos avanços no que tange à questão das mulheres, como uma maior inserção feminina no mercado de trabalho, ainda prevaleciam ideologias machistas. Um exemplo disso é o “crime de honra” – quando o marido matava a mulher em caso de adultério feminino –, que ainda era permitido por lei na época (Pitanguy, 2018).

Quanto ao âmbito regional, recorro aos estudos produzidos pela antropóloga Ondina Fachel Leal. O município de Alegrete, Rio Grande do Sul, foi o lugar onde a autora, no ano de 1986, realizou

um estudo etnográfico sobre um grupo de homens que se autointitulavam gaúchos, “peões campeiros, trabalhadores rurais e da pecuária extensiva da região” (Leal, 2021, p. 81). Esses homens, por meio de narrativas, reforçavam sua masculinidade em um ambiente pautado pela dicotomia masculino/feminino. As mulheres, para eles, representavam a categoria do outro, com o qual pareciam não fazer questão de estabelecer vínculos.

No segundo recorte, minha atenção recai para a violência física e a questão racial:

R2: Tu incha o lombo, te encaroço a laço (Menezes Junior, 2020).

Nesse trecho, é possível verificar um sujeito que, ao enunciar sobre a *morocha*, afetado por valores associados à dominação masculina, incita a violência quando enuncia “te encaroço a laço”. Trata-se de um sujeito que relaciona virilidade à violência, pois “a virilidade, entendida como capacidade produtiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência, (sobretudo em caso de vingança, é, acima de tudo, uma carga)” (Bourdieu, 2019, p. 88).

Constato também um sujeito que se sente proprietário do corpo da mulher sobre a qual enuncia. Uma das definições atribuídas à palavra *morocha* no *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* é *mulata*, termo que carrega uma carga histórica racista em sua origem e uso, pois como já foi discutido anteriormente, a palavra *mulato* deriva de *mula*, significando também “fêmeas de mulas” e “mulas jovens” (Paiva, 2015, p. 215). Desse modo, essa palavra historicamente foi utilizada para nomear pessoas negras de pele mais clara, fruto da miscigenação forçada no Brasil do período colonial. Sendo assim, na letra da canção, o modo de enunciar depreciativo em relação à *morocha* aparenta trazer resquícios de uma mentalidade racista em relação às mulheres negras que ganhou força sobretudo no período de escravidão, no qual homens em posições de poder sentiam-se donos dos corpos das mulheres escravizadas, resultando em estupros ou eventualmente em relações afetivas estáveis (Cowling, 2018).

Para finalizar a análise, destaco dois pontos importantes que a sintetiza: *a*) a posição-sujeito de Zeno Cardoso Nunes, Rui Cardoso Nunes e Davi Menezes Junior: além de dicionaristas (os irmãos Nunes) e intérprete (Davi Menezes Junior), eles enunciam sobre a *morocha* na condição de *sujeitos-homens*, afetados pelo simbólico e pelas construções de gênero e de raça. Mesmo na década de 1980, tanto nas definições do verbete *morocha* quanto na canção homônima, ainda se nota a posição submissa imposta à *morocha*; *b*) as relações semânticas que as palavras estabelecem entre si: retomo que *morocha* é definida como *moça*, *mestiça*, *mulata* e *rapariga*. Dessas palavras, destaco, sobretudo, a palavra *mulata* e toda a carga histórica que ela carrega, a qual remete à situação das mulheres negras e mulatas escravizadas no Brasil. É relevante salientar que os séculos de escravidão deixaram marcas na linguagem e na Música mesmo em períodos posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, reafirmo minha posição enquanto estudioso/analista de dicionários. A HIL me fornece pressupostos teóricos que permitem tomar os dicionários como materialidades linguísticas nas quais é possível observar os modos de dizer e pensar de uma sociedade específica. Meu olhar sobre os dicionários e as palavras que neles constam é movido pela inquietude em compreender a maneira como as palavras/verbetes são constituídos por significados socialmente construídos.

No gesto de análise, constatei as relações semânticas que as palavras estabelecem entre si. *Mulata*, uma das definições de *morocha*, é uma palavra que remete à história das mulheres negras, as quais foram exploradas de todas as formas. Essa sexualização, conseqüentemente, materializou-se na língua, na Literatura e em produções culturais e artísticas, como é o caso da canção *Morocha*. Também foi possível observar as questões de gênero e de raça que atravessam os sujeitos – Zeno Cardoso Nunes, Rui Cardoso Nunes e Davi Menezes Junior – quando enunciam sobre a *morocha*.

O *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* segue fornecendo reflexões, pois nele constam verbetes que definem sujeitos, sujeitos os quais fazem parte da sociedade gaúcha. A obra suscita questões que serão discutidas em futuras produções intelectuais, tamanha é a riqueza de possibilidades ao analisar esse dicionário e suas relações com a História e com as questões de gênero e de raça. Dicionários regionalistas e festivais como a Coxilha Nativista preservam a identidade gaúcha, propor-

cionando um amplo material de análise para estudiosos. Eles revelam como a linguagem e a Música refletem preconceitos, como os atribuídos à figura da *morocha*.

Os dicionários, portanto, são documentos históricos que, quando analisados, apontam marcas de nossa construção identitária enquanto sujeitos que habitam um determinado país, região ou território. A análise das palavras e de suas respectivas definições permite evidenciar traços de machismo e racismo que constituem os sentidos, como se observa no verbete *morocha*. Isso demonstra que a violência não acontece apenas no plano físico, mas também se manifesta por meio da língua e de práticas discursivas que sustentam desigualdades de gênero e de raça.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2020.
- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 20ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CASTAÑEDA, Marina. **El machismo invisible**. México: Debolsillo, 2019.
- COWLING, Camillia. **Concebendo a liberdade: mulheres de cor, gênero e a abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro**. Trad. Patrícia Ramos Geremias, Clemente Penna. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 10. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2019.
- FUNCK, Susana Bornéo. O que é uma mulher?. Revista Cerrados, [S. l.], v. 20, n. 31, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26036>>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEAL, Ondina Fachel. **Os gaúchos: cultura e identidades masculinas no pampa**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2021.
- MENEZES JUNIOR, Davi. **Morocha**. [s.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (3 min). Publicado por: Davi Menezes Junior – Tema. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lgkh3lMt018>>. Acesso em: 18 jan. 2025.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas: Pontes, 2006.
- NUNES, José Horta. Lexicologia e Lexicografia. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mónica.

Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase. Campinas: Pontes, 2010. p. 147-172.

NUNES, José Horta. **Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas.** Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107-124, jul./dez. 2008.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo:** a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006.

PAIVA, Eduardo França. **Dar nome ao novo: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII** (as dinâmicas de mestiçagens e o mundo do trabalho). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. *In:* DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 238-259.

PETRI, Verli. **A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito:** um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”. Letras, Santa Maria, n. 37, p. 227-243, jul./dez. 2008.

PITANGUY, Jacqueline. [Sem título]. *In:* HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Explosão feminista:** arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 461-479.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Editora Jandaia, 2020.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul.** Trad. Leonam de Azeredo Penna. 2. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2020.

SILVA, Dânae Rasia. **Representação da mulher nas músicas da Coxilha Nativista, na década 2006-2015.** Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, 2017. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2017/03/D%C3%82NAE-RASIA-REPRESENTA%C3%87%C3%83O-DA-MULHER-NAS-M%C3%9ASICAS-DA-COXILHA.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2025.